

FONTE : JB

CLASS. : 10

DATA : 25 01 88

PG. : 09

## A Guerra da Malária

*Silvio Martinello*

**N**ão há motivos sérios para essa ocupação militar de Vila Estrema e Nova Califórnia, que estão sendo disputadas pelo Acre e Rondônia. Pode até ser divertida essa pendenga, bem ao gosto e estilo de Galvez, Plácido de Castro e outros heróis do passado desse lado ocidental da Amazônia, que fundavam e ruíam impérios com muita pólvora e pouco chumbo.

Os tempos parece que não mudaram muito. Nem os personagens. Se no império de Galvez havia a voluntariosa Joana, a ex-freira seduzida pelo charme e pela causa maluca do espanhol que na virada do século fundou o estado independente do Acre, na *Guerra de Estrema* eis que surge a figura da ex-governadora do Acre, Iolanda Ferreira Lima, a primeira na história da República disposta a pegar em armas para defender seu reduto eleitoral.

Se o ministério do estado independente de Galvez era composto pelos *coronéis de barranco*, que acendiam seus charutos com dinheiro, na *Guerra de Estrema* não poderia faltar Jerônimo Santana, governador de Rondônia, com sua bengala, que só a usa quando há uma câmara de televisão ou fotográfica por perto.

Tudo isto pode ser engraçado, mas não há motivos para se gastar tempo, energia e, sobretudo, recursos com deslocamentos de tropas do Exército para perturbar uma comunidade que está lutando para sobreviver. Não há clima de comoção social, não há subversão da ordem, não há animosidade entre acreanos e rondonianos que povoam a divisa entre os dois estados. Nem sequer um tiro, uma briga de bêbado, um arranhão. Aliás, 80% da população de Estrema e Nova Califórnia não é de acreanos e rondonianos. São paranaenses, mineiros, goianos, catarinenses, que vieram subindo no mapa, cumprindo a triste sina de 10 milhões de brasileiros sem terra.

O único elemento perigoso identificado na divisa entre os estados até agora é a malária. O guerrilheiro infiltrado no sangue daquela população é o terrível mosquito anofelino, que no ano passado, no pico da incidência da doença na região, chegou a atingir 2 mil pessoas num mês e fez uma dezena de mortes.

Mas este inimigo não se combate com tiros de canhão. Portanto, se Vila Estrema e Nova Califórnia precisam de algum tipo de tropa, a farda seria a da Sucam (Superintendência de Campanhas de Saúde Pública). As tropas do Exército verde-oliva seriam até bem-vindas, mas com as máquinas do Batalhão de Engenharia e Construção para manter em condições de tráfego a BR-364, acesso do Acre ao Centro-Oeste e Sul do país, que neste inverno amazônico

está ameaçando fechar, como em anos passados, devido aos seus enormes atoleiros. Ou então as Forças Armadas poderiam socorrer aqueles pioneiros enviando médicos, dentistas e remédios, ou mesmo alimentação para as famílias de migrantes que chegam diariamente na região e ainda terão de derrubar a floresta, plantar e esperar alguns meses para colher.

De armas é que aquela população não precisa. Nem de política. Porque, na verdade, o que está ocorrendo é que a *Guerra de Estrema* (ou da malária) não existe para acreanos e rondonianos. É uma ficção de péssimo mau gosto. Existe, sim, e está sendo fomentada por alguns políticos de Rondônia e Acre, que não querem perder um para os outros um razoável reduto eleitoral. Juntando a população de Vila Estrema e Nova Califórnia e de outros povoados que estão surgindo como cogumelos depois da chuva ao longo da BR-364, resultado de uma migração intensa, os eleitores já são suficientes para eleger dois, três deputados estaduais e pelo menos um federal. A ex-governadora Iolanda Lima, que ao deixar o poder trocou de marido e perdeu parte dos votos que detinha, está montando justamente em Estrema e Nova Califórnia o seu novo curral eleitoral. Daí sua dedicação extremada pela defesa daquela região. O governador de Rondônia, Jerônimo Santana, ao que consta, não tem conseguido obrar milagres com sua bengala e, além de votos para as próximas eleições, precisa de um esquadro para despejar os milhares de migrantes que continuam chegando a seu estado.

A questão deve ter sido um prato cheio para o ministro da Justiça, Paulo Brossard, exercer sua autoridade. Não se sabe baseado em que tomou a decisão de enviar tropas do Exército para aqueles confins. Conhecedor da história do Acre, talvez queira repetir alguns feitos do seu conterrâneo Plácido de Castro.

Apesar de se empenhar para que o Acre não perca um pedaço de seu território, o governador Flaviano Melo tem dito a amigos que tanto seu estado como Rondônia teriam problemas mais sérios e urgentes para resolver do que alimentar essa disputa, como estancar ou pelo menos redirecionar o fluxo migratório, combater a malária que castiga os habitantes dos dois estados e asfaltar a BR-364.

E o Exército, por certo, também teria mais o que fazer do que causar constrangimento a uma população que mal tem forças para erguer o cabo da enxada e está servindo de pretexto nas mãos de políticos espertalhões. Não admira que daqui mais alguns dias esses soldados venham da região carregando também eles algumas cruces de malária.

Tudo muito triste. Deprimente.

*Silvio Martinello é correspondente do JORNAL DO BRASIL no Acre*